

# Nascer diferente – *o luto do filho perfeito*

DR. JAN PAWEL ANDRADE PACHNICKI(\*)

*Um magnífico filho, com toda sua luz, alegria, sabedoria e sorriso contagiante, mostra-nos o quanto a vida é breve e que nela nada é controlado.*



*Eva, ainda tão pequena e com grandes lições sobre vida, amor e resiliência.*

(\*) Pai de Eva.

Ah, enfim grávida! Relacionamento estável, economias reservadas, gestação planejada... Previamente saudável, pré-natal de risco habitual, sem intercorrências, sequer uma queixa maior. Será que vai ser médico como a mãe, ou o pai? Será tímido ou extrovertido? Vai brincar de bola, boneca, surfar, tocar violão? Ao nascer, o inesperado! Uma hipóxia periparto, uma deformidade ou uma síndrome genética não diagnosticada previamente durante a assistência pré-natal acaba por apagar, mudar planos e esperanças do casal.

O processo de espera durante a gestação, além do acompanhamento médico para o nascimento, estabelece, desde logo, uma existência idealizada para esse filho. É desejado que nasça saudável, em perfeito acordo com padrões preestabelecidos, sem deficiências. Assim, a constatação de uma deficiência na criança representa, para os pais, a perda do filho até então idealizado.

Freud, em 1914, escreveu sobre a posição dos pais na constituição do narcisismo primário dizendo que “o amor dos pais pelo filho equivale a seu narcisismo recém-nascido”.

No convívio com o filho com necessidades especiais ocorrerão várias situações através das quais os pais estarão submetidos a frequentes quadros de rejeição e aceitação, que atuam de forma inconsciente em relação ao filho. Surge, então, a necessidade de elaborarem psicologicamente um novo ideal que inclua o fato de que o filho não é plenamente saudável.

Fernando Antônio de Barros Góes, Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco, coloca que, nessa complexa situação de comportamentos inconscientes e afetos ambivalentes, a aceitação desse filho “diferente”, através da construção de outras representações psíquicas que contemplem a nova realidade, pode proporcionar um “novo nascer”, um novo verdadeiramente

produtivo encontro entre pais e filho. Para que esse novo relacionamento se viabilize de forma profunda, é necessário que os pais elaborem uma nova abordagem e superem o enorme estado de estranheza causado pelo filho que nasceu muito diferente do filho que foi, até então, idealizado. Idealização essa que ocorreu em função do próprio narcisismo de cada um dos pais.

Nem tudo na vida é, enfim, como se quer... Epicteto, filósofo grego pertencente à Escola Estoica, traz que “nossos desejos e aversões são déspotas impacientes. Exigem satisfação imediata. Os desejos ordenam que nos apressemos para obter o que queremos. E as aversões insistem que evitemos aquilo que nos causa repulsa. Todas as vezes que não conseguimos o que queremos, ficamos desapontados. Quando recebemos o que não queremos, ficamos angustiados...”

Superando essa nossa maneira de ser, torna-se necessário que os pais construam novas idealizações considerando um novo ideal para esse filho que é a nova realidade; assim, todo o projeto anterior dos pais terá que ser refeito para que seja possível ofertar novos significantes ao filho que nasceu com “falhas”.

Uma criança especial, com limitações físicas, necessidade de fisioterapia respiratória e motora, fonoaudiologia, visitas semanais ao médico, faz nascer outra família, outro pai e outra mãe. Medo, negação, aceitação, ansiedade, além de uma porção de sentimentos e transtornos do humor passam a ser secundários quando uma criança, um magnífico filho, com toda sua luz, sua alegria, sua sabedoria e seu sorriso contagiante, nos mostra o quanto a vida é breve e que nela nada é controlado.

O controle da vida está fora de nossas mãos, e, seguramente, com as idealizações ajustadas à realidade presente, aquela criança com limitações será, então, um filho perfeito. **i**

## Do Caderno Verde

DR. JOÃO MANUEL

*Quando mais sabemos, mais descortinamos nosso horizonte, mais aumentamos nossas possibilidades e mais ignorantes nos tornamos. O que não tem nada de diabólico; é apenas evolução cognitiva. É a famosa bolha socrática que, no final, gera o tal “sei somente que nada sei”. Noutros termos, emburrecemos por conta própria à proporção que evoluímos. O que, acredite, é muito salutar.*

